

# LER LIMA BARRETO: uma justa festa literária atemporal

Simone Ricco<sup>1</sup>

Ah! A Literatura ou me mata ou me dá o que eu peço dela.  
(Lima Barreto)

Depois de uma edição denunciada pela ausência de escritores negros, em 2017, a mais conhecida festa literária brasileira homenageia Lima Barreto. O gesto é justo e se adequa ao necessário movimento de visibilidade dos protagonismos negros negligenciados no decorrer de nossa história, marcada por diferentes formas de negar pessoas, saberes e fazeres diferenciados dos valores europeus privilegiados na formação da sociedade.

Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) viveu 41 anos e nesta breve existência experimentou a negação, refletida em episódios presentes em seus textos que incluíram na literatura os excluídos pela sociedade do “país dos bruzundangas”, no qual o autor constatou o que ganha reforço no surreal cenário brasileiro de 2017: “Ora, a lei! Que burla! Que trabuco para saquear os fracos e os ingênuos...”.

Barreto nasceu no dia 13 de maio, mesma data em que, sete anos depois, a Lei Áurea demarcaria novos desafios para os afro-brasileiros libertos da escravidão, mas ainda acorrentados a um imaginário de subalternidade e distanciados de atividades como a literatura. A produção literária do autor teve início nas duas primeiras décadas do século XX, período muito significativo para a formação da Literatura Brasileira, no qual foi estabelecido um contexto sociocultural responsável pelo predomínio da autoria branca, produtora de obras literárias repletas de “negros boçais”, “escravos violentos”, “negras ardentes” e outros estereótipos que ajudaram a delimitar lugares para a população negra no imaginário brasileiro.

Destoando da população negra da época, Barreto teve acesso à educação formal, mas precisou interromper os estudos por conta da desestrutura familiar resultante da morte da mãe e doença mental do pai. Como tantos outros jovens negros, precisou trabalhar, afastando-se da escola, contudo investiu na formação autodidata. O conhecimento e as habilidades desenvolvidas tornaram possível sua entrada no jornalismo como amanauense e a conquista de uma vaga na Secretaria de Guerra.

<sup>1</sup> A autora é professora da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e Mestre em Letras/Literaturas Africanas pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

## Seção Zum-zum-zum

Leitor ávido, travou contato com literatura e filosofia européias, com as quais dialogou para ampliar sua habilidade em moldar a escrita literária a partir da percepção de dilemas do seu tempo e do cotidiano, fazendo deles parte do material usado na criação de diários, crônicas, correspondências e romances que constituem sua obra completa, repleta de registros de memória que abastecem o conhecimento histórico sobre práticas políticas e sociais que nos permitem localizar a origem de muitas questões presentes em episódios reais da vida brasileira.

Com o passar do tempo, a (re)leitura das obras confirma as rupturas operadas pelo sujeito e pelo autor Lima Barreto. Suas narrativas desempenharam um papel precursor no movimento de inserção do negro como sujeito na Literatura Brasileira. O autor abole os padrões parnasianos, envereda pelas ruas do realismo, cruzando a cidade da Zona Sul aos subúrbios e, com discursos e ações de seus personagens e narradores-personagens, veicula subjetividades existentes na travessia negra pela sociedade brasileira. Em sua obra e vida, Lima Barreto antecipou a resposta a uma questão que nas últimas décadas integra os estudos culturais desenvolvidos em espaços universitários: o subalterno pode falar. Pode fazer da escrita um veio para circular “escrevivências” importantes para a memória afro-brasileira.

Assim agiu Lima Barreto durante o período de sua internação por conta de abalos na saúde mental, época em que escreveu um diário que veio a ser publicado após sua morte. Neste *Diário Íntimo* (1953), o narrador-personagem relata um episódio de racismo linguístico: “vê, seu negro, você me pode vencer nos concursos, mas nas mulheres, não” (Barreto, 1956, p. 46). Usando discurso direto, o autor denuncia o tom pejorativo atribuído ao termo negro, usado para tocar na “tecla sensível” e inferiorizar.

Constantemente desafiado, Lima Barreto criou respostas e resistências inscrevendo no texto literário o ser negro e várias reflexões lúcidas sobre questões ainda hoje em evidência na política partidária, nas políticas identitárias e na saúde pública do mundo doente flagrado em suas narrativas:

É curioso agora notar que o que mais me impressionava nos loucos era a mania depressiva, eram os efeitos da moléstia, a conduzir o indivíduo para o esquecimento do seu corpo, da sua dignidade de homem, da obliteração, senão apagamento, de todas as manifestações externas de sua alma, de sua vida... (Barreto, 1956, p. 68)

Sua escrita reflete criticamente sobre vários temas, “dissilenciando” sujeitos alvejados por aspectos rudes existentes no cotidiano. O país e a cidade que inspiram suas obras são questionados, muitas vezes com a ironia necessária à sobrevivência.

Porém, surgem em seus textos passagens marcadas pela beleza da escrita, como na crônica *Maio*, publicada na Gazeta da Tarde em 4/05/1911, na qual define poeticamente sua estratégia para renovar forças e superar o racismo, o álcool e fragilidades associadas à doença mental:

## Seção Zum-zum-zum

Estamos em maio, o mês das flores, o mês sagrado pela poesia. Não é sem emoção que o vejo entrar. Há em minha alma um renovamento; as ambições desabrocham de novo e, de novo, me chegam revoadas de sonhos. Nasci sob o seu signo, a treze, e creio que em sexta-feira; e, por isso, também à emoção que o mês sagrado me traz, se misturam recordações da minha meninice. (Crônicas, p. 15<sup>2</sup>)

O reconhecimento do caráter inovador da produção literária de Lima Barreto demorou a acontecer. A crítica *post-mortem* valorizou sua escrita literária e sua visibilidade foi intensificada nas décadas finais do século XX, quando pesquisas e releituras de sua obra geraram produções acadêmicas e releituras críticas responsáveis pelo resgate da trajetória pessoal e profissional do autor. Uma das obras que auxilia na compreensão da importância deste corpo negro presente na formação da Literatura Brasileira é a biografia *Lima Barreto* (2011), escrita por Cuti – autor e pesquisador atuante na Literatura Negro-brasileira, que se debruçou sobre a obra de Cruz e Sousa e de Lima Barreto, com intuito de ampliar a consciência sobre os impactos dessas escritas negras na literatura e no processo de afirmação de identidades negras. Em entrevista a Ana Paula Alencar, Cuti resume os elementos que garantem importância e atualidade à produção literária e à figura de Lima Barreto:

Ainda hoje, seus livros travam uma luta contra as forças de exclusão social, muito poderosas no Brasil. Elas interferem na cultura, em especial nas artes, que têm o poder de alimentar nosso imaginário(...). Considerado um dos representantes máximos do pré-modernismo brasileiro, Barreto criou personagens inesquecíveis, como o quixotesco major Quaresma e a ingênua Clara dos Anjos. Seus escritos sempre denunciaram o papel marginal a que negros e negro-mestiços eram relegados em sua época. Crítico do racismo, da burocracia, da corrupção, sofreu, ao longo de sua vida, diversos preconceitos, aos quais respondeu com uma obra vigorosa. A lucidez com que retrata os primeiros anos do século XX tornou-se fonte de amplas reflexões para educadores, pesquisadores, militantes do movimento negro e todos aqueles envolvidos na construção de um Brasil mais solidário<sup>3</sup>.

Em seu primeiro romance, *Recordações do Escrivão Isaiás Caminha* (1909), Lima Barreto se distanciou de convenções parnasianas, criando uma narrativa que elege como protagonista um mulato vindo do interior, confrontado com desigualdades e preconceitos. As recordações do escrivão evidenciam práticas naturalizadas nas relações raciais, criticando explicitamente a sociedade carioca e denunciando a imprensa comprometida que desde sempre operou no Brasil:

No jornal, compreende-se o escrever de modo diverso do que se entende literariamente. Não é um pensamento, uma emoção, um sentimento que se comunica aos outros pelo escritor; não é o pensamento, a emoção e o sentimento que ditam a extensão do que se escreve. No jornal, a extensão é tudo e avalia-se a importância do escrito pelo tamanho; a questão não

2 (Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/dominio-publico>>. Acesso em: 13/06/2017)

3 (Disponível em: < <http://www.cuti.com.br/ensaioslimabarreto>>. Acesso em: 14/06/2017)

## Seção Zum-zum-zum

é comunicar pensamentos, é convencer o público com repetições inúteis e impressioná-lo com o desenvolvimento do artigo. Para se dar extensão aos artigos lança-se mão de todos os recursos. Acumulam-se incidentes e aprestos, organizam-se considerações, empregam-se velhas pilhérias. (p. 117)

O viés crítico do romance de estreia foi mal recebido. A evidente desobediência epistêmica, teorizada por Walter Mignolo (2008) no século seguinte, foi condenada pela crítica. A imprensa reagiu às denúncias que envolviam o *Jornal do Comércio*, o mais poderoso da época, vetando o autor nos jornais. Teve início um inaceitável processo de silenciamento imposto a Lima Barreto na Literatura Brasileira.

Com o tempo, o autor furou o bloqueio, publicando novamente, nos jornais, os folhetins e as crônicas que abriram espaço para a projeção de um olhar periférico-negro-crítico importante para uma abordagem contundente das questões estruturais, dilemas políticos e sociais enfrentados pela sociedade brasileira ontem e hoje. Exemplos das formas de abordagem cridas pelo autor alimentam as próximas linhas, tecidas a partir de sua *Crônicas*, compilação disponível no portal Domínio público.

Em *15 de novembro* (1921) surpreende a atualidade do Brasil analisado um ano após a Independência, com irônicas denúncias à postura seletiva da elite, à ostentação existente no regime republicano, à superficialidade da discussão política publicada nos jornais às vésperas de uma eleição presidencial e outras questões:

Escrevo esta no dia seguinte ao do aniversário da proclamação da República. Veio, entretanto, vontade de lembrar-me o estado atual do Brasil, depois de trinta e dois anos de República. Isso me acudiu porque topei com as palavras de compaixão do Senhor Ciro de Azevedo pelo estado de miséria em que se acha o grosso da população do antigo Império Austríaco. Eu me comovi com a exposição do doutor Ciro, mas me lembrei ao mesmo tempo do aspecto da Favela, do Salgueiro e outras passagens pitorescas desta cidade. Em seguida, lembrei-me de que o eminente senhor prefeito quer cinco mil contos para reconstrução da avenida Beira-Mar, recentemente esborrachada pelo mar. Vi em tudo isso a República; e não sei por quê, mas vi. Não será, pensei de mim para mim, que a República é o regime da fachada, da ostentação, do falso brilho e luxo de parvenu, tendo como repousoir a miséria geral? Não posso provar e não seria capaz de fazê-lo. Saí pelas ruas do meu subúrbio longínquo a ler as folhas diárias. (...) Quase todas elas estavam cheias de artigos e tópicos, tratando das candidaturas presidenciais. Afora o capítulo descomposturas, o mais importante era o de falsidade. Não se discutia uma questão econômica ou política; mas um título do Código Penal. Pois é possível que, para a escolha do chefe de uma nação, o mais importante objeto de discussão seja esse? (p. 2<sup>4</sup>)

Em suas narrativas, Lima Barreto já afrontava o pensamento colonial e conservador, falando abertamente de costumes e questões (i)legais, como na crônica *A Lei* (1915): “O caso se complica com uma gravidez e para que a lei, baseada em uma moral que

4 Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000173.pdf>>. Acesso em 13/06/17.

## Seção Zum-zum-zum

já se findou, não lhe tire a filha, procura uma conhecida, sua amiga, a fim de provocar um aborto de forma a não se comprometer” (p, 4).

Combativo, na crônica *O Problema Vital* (Revista Contemporânea, 22/2/1919), questionou a opressão ao homem do campo, a relação com a terra e o olhar higienista esboçado por Monteiro Lobato ao pensar o saneamento no interior do Brasil, em textos publicados no Jornal O Estado de São Paulo:

Em suma, para não me alongar. O problema, conquanto não se possa desprezar a parte médica propriamente dita, é de natureza econômica e social. Precisamos combater o regime capitalista na agricultura, dividir a propriedade agrícola, dar “a propriedade da terra ao que efetivamente cava a terra e planta e não ao doutor vagabundo e parasita, que vive na “Casa Grande” ou no Rio ou em São Paulo. Já é tempo de fazermos isto e é isto que eu chamaria o “Problema Vital”(p, 23-24<sup>5</sup>).

Seus textos revolvem as raízes deste projeto nacional confuso, que nos fez caminhar até a atual “neopentecolonização” instaurada na esfera política e consagrada em cidades como o Rio de Janeiro, cenário de suas narrativas ambientados no Leme, nas ruas do Centro, no subúrbio de Todos os Santos e em outros cenários cariocas. Barreto pontua a desigualdade assegurada institucionalmente com a construção da Avenida Beira-Mar, ação que demarca a parte europeia e a parte “indígena” de uma cidade que empurra para as margens a população pobre. Atento ao trânsito dos excluídos pela cidade, como faz saber a pesquisadora Beatriz Resende, em entrevista concedida ao jornal O Globo, o texto de Lima Barreto destaca um modo antigo de cuidar das pessoas: “o governo só protege aos que não precisam: aos pequenos, aos fracos, aos oprimidos ele oprime mais<sup>6</sup>”.

Em sua abordagem sobre os oprimidos, Barreto abre espaço para a discussão de gênero. Na crônica *Não as matem* (1915), a violência contra a mulher é denunciada por um narrador que procura desnaturalizar o triste fenômeno que hoje denominamos feminicídio:

Esse rapaz que, em Deodoro, quis matar a ex-noiva e suicidou-se em seguida, é um sintoma da revivescência de um sentimento que parecia ter morrido no coração dos homens: o domínio, quand mème, sobre a mulher. O caso não é único. Não há muito tempo, em dias de carnaval, um rapaz atirou sobre a ex-noiva, lá pelas bandas do Estácio, matando-se em seguida. A moça com a bala na espinha, veio morrer, dias após, entre sofrimentos atrozes. (...) Nós já tínhamos os maridos que matavam as esposas adúlteras; agora temos os noivos que matam as ex-noivas. De resto, semelhantes cidadãos são idiotas. ( Crônicas, p.17-18<sup>7</sup> ).

No percurso de seu corpo negro pelas encruzilhadas da vida, Lima Barreto aprendeu e nos ensina sobre ser negro e ser brasileiro, com registros de práticas como

5 Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000173.pdf>>. Acesso em 13/06/17.

6 Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/critica-beatriz-resende-analisa-olhar-de-lima-barreto-sobre-rio-19363172>>. Acesso em 13/06/2017.

7 Disponível em: <<https://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000173.pdf>>. Acessado em 13/06/2017.

## Seção Zum-zum-zum

as que figuram na crônica *País rico* (1920), que registra o uso político da crise e do empobrecimento como estratégia para manter privilégios e sacrificar necessidades:

- Não há verba; o governo não tem dinheiro.
- E o Brasil é um país rico; e tão rico é ele, que apesar de não cuidar dessas coisas que vim enumerando, vai dar trezentos contos para alguns latagões irem ao estrangeiro divertir-se com os jogos de bola como se fossem crianças de calças curtas, a brincar nos recreios dos colégios.( p. 28<sup>8</sup> )

Além das crônicas e contos, Lima Barreto criou seis romances: *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909), *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915), *Numa e ninfa* (1915), *Os bruzundangas* (1923), *Clara dos Anjos* (1948) e *Diário Íntimo* (1953). Um farto cardápio de temas e personagens trabalhados de modo peculiar, inaugurando um modo de dizer que permanece atual e interessante.

Alguns aspectos selecionados conectam os leitores ao universo barretiano, sobre qual esboçamos algumas pistas que servem como convite para adentrar e desfrutar de uma estética literária implicada com a negrura, com os sinais vitais existentes em seus textos imortais produzidos na Literatura Brasileira. Convite aceito, escolha um dos textos disponíveis em livros ou na compilação digital de sua obra completa, disponibilizada no portal Domínio Público, e experimente o contato com esta produção literária que merece uma festa literária constante.

## REFERÊNCIAS

- CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro. 2010
- MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o sentido de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Literatura, língua e identidade**, no 34, p. 287-324, 2008
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010